

Relatos dos Petianos

O que é ser petiano?



Ana Carolina de Paula Simões

Ser petiano é viver a universidade na possibilidade que ela entrega de formação cidadã e colaboração com a comunidade local. Nesse percurso, as atividades relacionadas à extensão deram um grande sopro transformador em mim. Repito aqui as palavras da minha amiga Gabriela Morozini no evento do PET itinerante no campus de São Mateus em 2024 “A extensão surge como um compromisso social da universidade com as classes populares”. Diante disso, entre as atividades de caráter extensionista marcantes que participei, gostaria de citar uma.

Apresentamos o teatro do oprimido para a ocupação Chico Prego no centro de Vitória, o que gerou diversas conversas sobre moradia no espaço urbano. O enredo do teatro gira em torno de temas como violência doméstica, educação e exploração do trabalho. Minha experiência no PET foi especial, pois estive ao lado de colegas e amigos que foram essenciais para a minha formação como economista e pessoa. Em relação à pesquisa proporcionada pelo PET, desenvolvi temas que me inquietam relacionados à economia, movimentos sociais e sobre a proibição da cannabis. Por fim, eu gostaria de prestigiar o nosso companheiro, o professor Vinícius Pereira, tutor do programa em quase todo o meu tempo de permanência, que guardo enorme admiração.



Arthur Mariano Soares

Ingressei no curso de Economia em 2023 e fui apresentado a diversos grupos de pesquisa, entre eles, o Programa de Educação Tutorial (PET). No início, eu pensava que compreendia, ainda que superficialmente, o que era ser um petiano. A imagem que vinha à cabeça ao ver o PET, por uma perspectiva externa, era de que consistia em um grupo formado por alunos e alunas que pretendiam seguir carreira acadêmica por conta das diversas atividades realizadas nesse

sentido. Apesar de não ter esse caminho como objetivo, naquele momento, participei do processo seletivo porque tinha vontade de passar mais tempo na universidade e vi no PET essa oportunidade. Ingressei no PET Economia Ufes no início de 2024 e a minha visão foi, aos poucos, se transformando conforme eu vivenciava o programa. Ao longo da minha trajetória percebi que ser petiano era uma construção. Para além da formação acadêmica de qualidade, pude realizar atividades marcantes como “Do Economês para o português” e “Teatro do Oprimido”, produzir conteúdos, participar de reuniões, entre outras experiências. Agora, como petiano egresso, vejo que essa vivência foi crucial para o desenvolvimento do pensamento crítico e do senso de coletividade, que, para mim, são características essenciais a todo petiano.



Carlos Eduardo de Oliveira Tonon

Definir um conjunto de experiências tão únicas e significativas para minha formação como cidadão engajado é algo desafiador. No entanto, uma palavra que sempre me vem à mente quando penso no que é ser petiano é transformar: transformar o ambiente acadêmico, a sociedade e, sobretudo, a si mesmo. O espaço proporcionado pelo PET para o desenvolvimento de debates conectados ao meio universitário e a fragmentos da sociedade historicamente marginalizados é algo raro, mesmo dentro da universidade pública, o que me acende uma fagulha

de esperança e resistência em meio a tempos tão sombrios. O que se vive dentro do programa vai muito além da simples teoria, é algo que toca o âmago do seu ser. É difícil imaginar alguém saindo do PET sem se sentir, de alguma forma, transformado. Todas as atividades das quais participei enquanto petiano me proporcionaram crescimento em múltiplas dimensões e me inseriram em espaços e discussões que jamais imaginei frequentar. Ainda que breve, meu percurso no PET deixou marcas profundas na minha trajetória como cidadão. Levo comigo cada experiência e aprendizado, certo de que contribuíram e contribuirão, dia após dia, para uma versão mais consciente, crítica e comprometida de mim mesmo.



Gabriela Morozini

Ser petiana, para mim, é estar em um processo de (trans)formação integral. Em um modo de produção alienante, permeado por uma lógica individualizante, ser petiana, para mim, em verdade, corresponde a atuar de forma anti-sistêmica. Até aqui, no Programa de Educação Tutorial e, em especial, o de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, ser petiana corresponde a aceitar um convite à coletividade, ao pensamento crítico embasado cientificamente, ao olhar atentos às vulnerabilidades sociais e à atuação sobre uma realidade social histórica e economicamente forjada para explorar, segregar e violentar seres humanos. Ser petiana, para mim, portanto, é ser transformada em um processo que almeja (trans)formar.



Gabriel Matheus Ferreira Santos

Como petiano recém-egresso, recebi com alegria o convite dos meus colegas para integrar esta breve coletânea de textos que buscam relatar o que significa ser petiano. No entanto, considero que me limitar a falar apenas sobre o que é “ser petiano” seria insuficiente. Com o devido respeito aos colegas de outros grupos PET, é preciso afirmar desde já: este brevíssimo — e, portanto, insuficiente — texto trata da experiência única e transformadora de ser petiano do curso de Ciências Econômicas da UFES. Poderia me alongar sobre as inúmeras vivências que, ao lado dos meus companheiros, me formaram academicamente e, sobretudo, humanamente. Mas, como não me cabe aqui o espaço, deixo como representante delas o relato do Teatro do Oprimido. Após meses organizando a atividade, decidimos realizá-la na Ocupação Chico Prego. Nesse espaço de luta por moradia, encenamos uma peça sobre diferentes formas de opressão, brincamos com as crianças e ouvimos os relatos sobre a luta por um lar digno em Vitória. Ao final da atividade, já dentro do carro, meu tutor e amigo Vinícius me perguntou se eu havia gostado de participar. Respondi, sem hesitar, que aquela havia sido a melhor experiência que vivi no PET e na universidade. Ele sorriu, me abraçou e disse, antes de se despedir da tutoria: “Eu sabia que você ia falar isso”. Prometi dizer algo sobre o que é ser PET-Economia UFES, mas, caro leitor, temo não ter sido capaz de cumprir essa promessa. Deixo apenas este relato — porque o verbo é falho demais para transmiti-lo por inteiro.



Gustavo Gomes de Almeida

O PET, na minha perspectiva, simboliza um projeto do que a Universidade deveria ser para o povo brasileiro. A forma como o programa, em sua maior parte, relaciona o tripé acadêmico de ensino, pesquisa e extensão, numa perspectiva popular e crítica, é exemplar. Ser um membro ativo desse processo de transformação tem sido, e é, uma experiência fenomenal. Poder produzir ciência com excelência e voltada para a classe trabalhadora é uma oportunidade para pouquíssimos estudantes. Quem dera se a Universidade pública fosse um grande PET.

Nesse sentido, sempre pensamos no que é ser petiano como algo muito abstrato, mas, em termos práticos e materiais, ser petiano é se incomodar, se inquietar, estar constantemente em um processo de luta interna e externa, ao passo que temos, historicamente, defendido a existência do programa contra ataques à educação e ampliação da sua capilaridade ao redor do território nacional, também travamos a disputa interna para que a formação cidadã dos petianos e o seu horizonte de transformação social não se percam pela desmobilização e despolitização crescentes na comunidade acadêmica. Ser petiano, portanto, é dizer: "Comigo não, aqui as coisas hão de mudar!"



Hemille Barbosa Uchôa

Ser petiana para mim vai muito além de fazer parte de um grupo na universidade, pois é estar inserida em uma experiência que une aprendizado acadêmico e compromisso social, uma chance de desenvolver conhecimentos que vão além do que se aprende em sala de aula. Isso significa estar sempre aberta a novas aprendizagens, vivências e ao desenvolvimento de habilidades importantes, como pensamento crítico, comunicação e trabalho em equipe, além de ser um espaço para crescer, trocar ideias e construir experiências.



João Henrique da Silva Nascimento

“E o que o ser humano mais aspira é tornar-se ser humano”.

Clarice Lispector

Nesses 21 anos de vida, estive envolto por diversas experiências que contribuíram para a contínua formatação do “novo eu”. Dos momentos mais ricos que pude experienciar neste pequenino lapso de tempo em que ponho meus pés neste mundo, o PET, com toda certeza, foi o supramundo da mais pura modificação pessoal. Nesse sentido, o meu relato perpassa uma visão individual que exprime o mais puro felizardo de poder ter

participado deste programa durante quase 2 anos. A frase “ser petiano” se coloca, em minha percepção, como uma condição que, estando disposto a se entregar para as vivências que o programa pode te proporcionar, você consegue de fato ser humano. Então é isso que enxergo no Programa de Educação Tutorial quando penso: “o que é ser petiano”. Não é, e nunca foi, a atomização de ideias e experiências próprias. Nele, o ato de compartilhar as diversas jornadas de vida com diferentes partes da sociedade nos torna, como bem dito por Clarice Lispector, ser humano.



Kayky Barcelos de Oliveira

Ser petiano é um processo de desconstrução contínua daquilo que está posto. É entender as capacidades de ser um agente transformador da realidade, que atua de forma prática sobre a materialidade social. É pensar e repensar inúmeras vezes o seu papel para a comunidade interna e externa aos muros da universidade. Ser petiano é saber lidar com o diferente, com o igual e sobretudo, com aquilo que se considera desigual. O petiano deve estar empenhado sempre na busca por agir de forma coletiva e não somente coletiva, mas de forma totalizante. Quando ingressei no grupo PET, tinha como

objetivo o meu desenvolvimento pessoal e, para além disso, transformar minimamente a realidade dos meus próximos. Hoje, quase dois anos depois, enxergo que o PET tem poder para fazer muito mais do que um dia imaginei, desde que seja comprometido com repudiar e combater o que está posto. Desconstruir, desmistificar, desidealizar... Ser petiano é estar sempre na vanguarda de um “progresso” que expressa suas contradições até mesmo dentro do grupo PET. Por fim, que o PET Economia, de Reinaldo, Maurício, Vinicius e, agora, de Everlam, jamais se apague enquanto agente que busca transformar a realidade. Vida longa ao PET Economia!



Maria Clara Alves de Brito

Não consigo definir bem o que é ser uma pessoa Petiana, é um processo que transforma e está sempre em transformação. Na minha mente, passam algumas lembranças e ideias sobre a dedicação de pensar o curso e a sociedade ao redor, de procurar como completar não só a própria formação mas a de todos os colegas de graduação. A dedicação de procurar formas de levar um pouco do que aprendemos para fora da universidade e como isso nos ensina mais do que propomos a ensinar. Não há uma fórmula fixa que faça de uma pessoa

Petiana porém existe uma mudança na alma que eu viveria mil vidas só para ter essa experiência novamente.



Maria da Graça Caneva

Se há algo que posso afirmar com convicção, entre todas as coisas que buscamos desmistificar no PET Economia, talvez a mais desafiadora seja entender, de verdade, o que é ser um petiano. Quando entramos no programa, ainda muito novos, inseguros e imersos em um universo novo, estamos ocupados demais tentando aprender como realizar cada atividade, como ser útil, como ser um bom petiano. Nesse processo, ouvimos inúmeras vezes, e de muitos companheiros, que ao sair do PET não deixamos de ser petianos, nos tornamos petianos egressos.

Ao longo dos meus quase dois anos de programa, o PET atravessou — e continua atravessando — a minha vida em tudo, e é por isso que sei que nunca poderei deixar de ser petiana, já está marcado em meu peito. Ser petiano é muito mais do que aprender a realizar atividades que unem ensino, pesquisa e extensão. É um exercício constante de humanidade. É desenvolver o olhar atento, o pensamento crítico, a escuta generosa, o respeito e a empatia necessários para viver em sociedade. É cultivar dentro de si o senso de justiça social. É, quase sem perceber, se tornar um economista sério — e, com certeza, um ser humano mais inteiro.

**Rafael Barbosa Saldanha**

Ser petiano no PET Economia UFES é fazer parte de um espaço de construção coletiva, aprendizado mútuo e transformação constante. Mais do que pertencer a um grupo acadêmico, ser petiano é assumir o compromisso com a formação crítica, ética e cidadã. Ser petiano não é, necessariamente, ser marxista ou aluno de caráter produtivista. O PET é a promoção da diversidade de pensamentos e trajetórias, incentivando o debate plural e o respeito às diferentes visões. A proposta do projeto é compreender a complexidade da realidade social, questionar estruturas, propor soluções e, acima de tudo, aprender com o outro. A postura crítica que cultivamos não se limita a teorias, mas se manifesta em nossas ações, projetos e relações. Ser petiano é também ser humano com dúvidas, limites, empatia e vontade de crescer. É reconhecer a importância do diálogo, da escuta e da sensibilidade em um mundo marcado por desigualdades. No PET, construímos juntos um caminho onde o conhecimento acadêmico caminha lado a lado com a responsabilidade social.
